

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ARIUANE ARAÚJO SILVA

**LUTO EM TEMPO DE PANDEMIA: As transformações dos rituais fúnebres nas
comunidades católicas brasileiras**

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2024

ARIUANE ARAÚJO SILVA

LUTO EM TEMPO DE PANDEMIA: As transformações dos rituais fúnebres nas comunidades católicas brasileiras

Trabalho de Conclusão de Curso – *Artigo Científico*,
apresentado à Coordenação do Curso de Graduação
em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Júnior.

ARIUANE ARAÚJO SILVA

LUTO EM TEMPO DE PANDEMIA: As transformações dos rituais fúnebres nas comunidades católicas brasileiras

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 26/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF. ME. JOEL LIMA JÚNIOR

Membro: _PROFA. ME. LARISSA MARIA LINARD RAMALHO/UNILEÃO

Membro: PROFA. ESP. LARISSA VASCONCELOS RODRIGUES/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE-CE
2024

LUTO EM TEMPO DE PANDEMIA: As transformações dos rituais fúnebres nas comunidades católicas brasileiras

Ariuane Araújo Silva¹
Joel Lima Júnior²

RESUMO

A pandemia de Covid-19 provocou uma transformação radical nos rituais fúnebres, modificando as despedidas tradicionais e expondo consequências emocionais e culturais significativas. Este estudo teve como objetivo investigar as alterações predominantes nos rituais fúnebres durante a pandemia no Brasil, com foco nas comunidades católicas, e suas implicações no processo de luto e na prática psicológica. Adotou-se o método qualitativo e a pesquisa bibliográfica descritiva, utilizando publicações, livros e artigos científicos acessíveis em bases de dados online e na literatura global. As alterações nos rituais católicos brasileiros englobam a limitação da unção dos enfermos à penitência, a execução virtual de cerimônias fúnebres e missas de sétimo dia, funerais sem a presença física do corpo, a eliminação de cortejos fúnebres em vias públicas e cemitérios, e sepultamentos em valas comuns. A falta das despedidas convencionais provocou sentimentos de culpa e sofrimento nos enlutados, contribuindo para um luto complicado. Os psicólogos atuaram oferecendo suporte emocional, preparação para o luto e estratégias adaptativas, que incluíram atendimentos virtuais e presenciais, bem como grupos de suporte. Além disso, o coping religioso revelou-se um recurso de resiliência, auxiliando os indivíduos a expressarem suas emoções e a encontrarem consolo durante o período de luto.

Palavras-chave: Luto. Comunidades Católicas. Rituais Funerários. Pandemia. Covid-19.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has radically transformed funeral rituals, altering traditional farewells and revealing profound emotional and cultural consequences. The aim of this study was to explore the main changes in funeral rituals during the pandemic in Brazil, specifically within Catholic communities, and their repercussions on the grieving process and the role of psychologists. A qualitative method and bibliographic research were used, through publications, books, and scientific articles available in online databases and global literature. The changes in Catholic rituals in Brazil include the restriction of anointing of the sick to penance, virtual execution of funeral services and seventh-day masses, funerals without the presence of the body, extinction of processions in streets and cemeteries, and burials in collective graves. The absence of traditional farewells generated feelings of guilt and anguish among the bereaved, contributing to complicated grief. Psychologists intervened with emotional support, anticipatory grief, and adapted strategies, including online and face-to-face counseling and support groups. Furthermore, religious coping proved to be a protective factor, helping patients express feelings and find solace during mourning.

Keywords: Grief. Catholic Communities. Funeral Rituals. Pandemic. Covid-19.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: aariuane@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Desde a Pré-História, registros arqueológicos comprovam a existência de rituais fúnebres. Esses achados indicam um cuidado ritualístico com os entes queridos que se foram, refletindo o despertar da consciência humana para a finitude da vida, conforme Leakey (1997). Atualmente, essas práticas cerimoniais são essenciais nas sociedades e variam amplamente conforme a percepção e relação com a morte entre diferentes grupos sociais e culturais. Os rituais fúnebres servem para expressar respeito aos falecidos, confortar os enlutados e promover um senso de comunidade durante o luto, integrando também o significado individual no processo, como discutido por Menezes e Gomes (2012).

Com o início de 2020, a emergência do coronavírus SARS-CoV-2 alterou significativamente a rotina e as interações sociais globais, devido à falta inicial de informações sobre tratamentos, vacinas ou curas eficazes, conforme documentado por Brasil (2020). O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 pelo Ministério da Saúde. Em seguida, o país reconheceu a transmissão comunitária, levando a respostas imediatas das autoridades de saúde e governamentais, incluindo medidas de distanciamento social, restrições de viagem e campanhas educativas para conter a disseminação do vírus.

Nesse contexto, hospitais enfrentaram sobrecarga e falta de recursos, a economia foi impactada por fechamentos e desemprego, escolas migraram para o ensino à distância e houve aumento nos casos de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais em diversas comunidades, como relatado por Lima et al. (2020). As práticas e rituais fúnebres também sofreram adaptações necessárias devido às restrições de saúde pública, como a redução do tamanho das reuniões, a adoção de distanciamento físico e o uso de máscaras em velórios, enterros e cerimônias religiosas, resultando em desafios emocionais significativos devido à impossibilidade de realizar rituais tradicionais, conforme Silva (2020).

Este estudo foi guiado pela questão central: "Como as transformações nos rituais fúnebres afetaram a experiência do luto nas comunidades católicas brasileiras durante a pandemia da COVID-19?". As informações coletadas visam promover um avanço no entendimento e na compreensão do tema, bem como detalhar suas ramificações que persistiram além do isolamento social, oferecendo novas perspectivas que beneficiam a prática da psicologia no pós-pandemia e na transformação social.

Considerando o papel crucial do psicólogo no apoio aos enlutados, fornecendo suporte emocional, orientação e estratégias adaptativas para enfrentar o luto em situações tão únicas, a

importância deste trabalho é evidente. Através das intervenções realizadas pelo Centro de Referência e Assistência Social, percebeu-se a necessidade de investigar em publicações e artigos a experiência de outros estudantes e profissionais da psicologia que atuaram em grupos de apoio virtual, psicoterapia e plantão psicológico online, para entender o impacto dessas mudanças e suas repercussões psicológicas no desenvolvimento de novas práticas e no manejo dos desafios desse período. Além disso, muitas culturas possuem rituais e tradições fúnebres específicos que são fundamentais na expressão do luto e na homenagem aos falecidos. Analisar as mudanças nessas tradições permite refletir sobre como as culturas estão se adaptando e mantendo essas práticas em tempos desafiadores.

Portanto, este estudo também visa contribuir para o avanço da pesquisa acadêmica em áreas como psicologia, antropologia, sociologia, estudos culturais e saúde pública, gerando conhecimento valioso sobre como as sociedades, especialmente as comunidades católicas, enfrentam desafios de saúde pública e como a cultura influencia a expressão do luto. Compreender os rituais fúnebres em tempos de pandemia é crucial para entender as sociedades e indivíduos diante de crises de saúde globais e desempenha um papel importante na preservação de tradições culturais e na promoção do bem-estar emocional.

O objetivo geral deste trabalho é explorar as principais mudanças nos rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 que ocorreu no Brasil entre 2020 e 2022, nas comunidades católicas. Especificamente, busca-se analisar as adaptações nos procedimentos cerimoniais dos rituais fúnebres nas comunidades católicas brasileiras, introduzidas em resposta às restrições e diretrizes sanitárias da pandemia; investigar as implicações psicológicas e emocionais no processo de luto devido às transformações nos rituais; e examinar as estratégias de apoio psicológico eficazes para ajudar as pessoas enlutadas durante a pandemia a lidar com a ausência de rituais fúnebres convencionais.

2 METODOLOGIA

Considerando a metodologia empregada, em especial quanto à sua classificação por objetivo, infere-se que o estudo em questão adota uma abordagem descritiva. O propósito essencial é descrever, por meio de investigação, as principais mudanças nos rituais fúnebres ocorridas durante a pandemia, assim como as repercussões psicológicas dessas alterações na vivência do luto.

Quanto à modalidade de pesquisa escolhida, que fundamenta a coleta de informações e a elaboração deste trabalho, destaca-se a pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2002), essa modalidade concentra-se em identificar tendências, padrões e relações entre variáveis em contextos específicos. Para tanto, foram consultadas publicações, livros e artigos científicos disponíveis em bancos de dados online e na literatura internacional, por meio de repositórios institucionais e digitais, tais como SciELO – Scientific Electronic Library Online, Periódicos Capes e Google Acadêmico, que orientaram as descrições e o cumprimento dos objetivos previamente mencionados.

O critério de inclusão do estudo abrangeu pesquisas associadas a um ou mais dos seguintes descritores: "luto", "comunidades católicas", "rituais fúnebres", "pandemia" e "Covid-19", produzidas nos últimos cinco anos, além de outros trabalhos relevantes para a pesquisa que excederam o período estipulado.

A análise dos dados foi conduzida qualitativamente, permitindo o reconhecimento e a avaliação de distintas perspectivas por meio da revisão de literatura, documentos e fontes escritas, como parte integrante do estudo. Segundo Pereira et al. (2018), o pesquisador não apenas apresenta as informações coletadas, mas também desempenha um papel crucial ao expressar suas opiniões sobre o fenômeno em análise.

3 MORTE E MORRER NO MUNDO OCIDENTAL

Explorar a finitude e a inevitabilidade da morte exige uma reflexão profunda sobre o paradigma entre o instinto primordial de sobrevivência, que motiva o desejo humano de prolongar a vida ao máximo, e a autopercepção que surge ao aceitar seu fim, cercada pelos significados e valores que o ser humano atribui às coisas e à convivência com os mortos em cada era, moldando assim práticas fúnebres baseadas em ideias filosóficas, culturais e religiosas (Pereira, 2020).

Na sociedade ocidental, os valores centrais envolviam a preparação para a morte, com ênfase na proximidade familiar, na partilha de testamentos e na garantia da continuidade dos desejos e na distribuição dos bens. Ariès (2012/1977), ao introduzir o conceito de "morte domada", sugeriu que a morte era pacífica, pois os moribundos eram avisados por sonhos e presságios e planejavam sua própria cerimônia de passagem, reunindo entes queridos ao redor do leito de morte, em casa. Assim, a perda de um ente querido não era dramática, pois a morte

era esperada e planejada, e a ênfase estava na comunidade, família e igreja, não no indivíduo ou na preservação de sua memória.

As principais mudanças ocorreram a partir do século IV, na Idade Média europeia. Com a influência da doutrina cristã, os cemitérios, que na Roma antiga ficavam fora das cidades, passaram a ocupar o centro, ao redor das basílicas, tornando-se espaços multifacetados com papéis religiosos, sociais e até comerciais. Esse período histórico coincide com a oficialização da igreja católica como espaço dos vivos, mortos e santos, e concedeu à igreja, que até então controlava os vivos pela moral, o controle dos mortos também, ao retirar o domínio dos sepultamentos dos espaços domésticos (Rodrigues, 2013).

A disposição dos túmulos nos cemitérios medievais frequentemente refletia a hierarquia social da época. Pessoas de diferentes classes sociais eram enterradas em áreas distintas, enroladas em lençóis ou não, com os túmulos das elites frequentemente localizados mais próximos da igreja ou até mesmo dentro dela, enquanto os túmulos das classes mais baixas ficavam em áreas periféricas, comuns a vários corpos e permanentemente abertos (Roque, 2020).

Na segunda metade da Idade Média, a partir do século XII, as práticas de individualização das sepulturas se fortaleceram, conferindo um aspecto sagrado aos mortos e à preservação desses corpos, diferentemente do que era feito na antiguidade romana. Havia uma evocação da identidade do defunto, e os cemitérios se tornaram espaços de culto aos mortos, com homenagens, flores e visitas constantes dos entes queridos (Silva et al., 2017).

Essa época também coincide com o surgimento da representação do Juízo Final na cultura religiosa e artística, que incutia nos indivíduos um temor pelo destino de suas almas, que seriam julgadas conforme suas ações na Terra (Penariol, 2022). Essa transição, em contraste com a ideia da "morte domada", que reconhece a mortalidade como um destino comum a todos, levou o indivíduo a preocupar-se com sua própria finitude, a morte de si mesmo (Ariès, 2012/1977).

Estabeleceu-se, portanto, uma doutrina do purgatório, onde familiares e amigos ofereciam orações, missas e esmolas em nome dos falecidos, acreditando que isso reduziria o tempo de purificação da alma daqueles no purgatório e que, após alcançar o paraíso, os falecidos intercederiam pelos vivos que os ajudaram a sair de lá. Essa tradição não apenas fortalecia os laços de solidariedade entre vivos e mortos, mas também consolidava a autoridade espiritual e institucional da igreja, que, ao gerenciar essas práticas religiosas, mantinha influência sobre a vida espiritual e o destino pós-morte de seus fiéis (Rodrigues, 2013).

Com a ascensão do Iluminismo e das revoluções burguesas durante os séculos XIX e XX, houve uma tendência de distanciamento e tabu em relação à morte. À medida que o individualismo, o trabalho e a vida social ganhavam centralidade nas sociedades, o morrer, que até então era esperado, planejado e vivido em comunidade, passou a ser centrado no indivíduo, contribuindo assim para a transformação da maneira como a morte era socialmente enfrentada e compartilhada (Foresti; Hodecker; Bousfield, 2021).

Esse processo se desenvolveu principalmente com a chegada da modernidade e a revolução científica. A crença de que o ser humano poderia dominar a natureza por meio da ciência também foi aplicada na estratégia da medicina para controlar a morte e, consequentemente, prolongar a vida. Assim, a morte deixou de ser vista como o limite absoluto da existência, passando a ser considerada algo além do alcance completo da intervenção médica. E, por não poder ser totalmente controlada, restava à medicina investigar formas de minimizar a dor e o sofrimento diante da morte (Silva, 2019).

Esse novo modelo de homem, o homem moderno, valorizava o trabalho, e seu corpo era um instrumento de produção. Guiado pela lógica capitalista, a doença o impedia de ser produtivo e consumir os bens produzidos, representando assim um enfraquecimento de sua materialidade. Essa mudança na relação do ser humano com a doença transformou-a em motivo de vergonha e desconforto, devendo ser escondida e afastada da comunidade, o que fazia com que o doente muitas vezes se confrontasse com sentimentos de desamparo e desvinculação social (Pereira, 2020).

Essas modificações também estavam relacionadas às práticas higienistas do século XIX, onde, sendo a doença um fenômeno social prejudicial ao funcionamento do homem e das cidades, era necessário tratá-la e mantê-la afastada para diminuir sua proliferação. A morte também se tornou sinônimo de contaminação e doença, trazendo a necessidade de separação entre vivos e mortos, o que fez com que os cemitérios voltassem a ser localizados nas periferias das cidades, e sua configuração fosse dotada de uma preocupação higiênica e estética (Silva, 2019).

Outra figura que se modificou nesse contexto foi o hospital, que, com sua medicalização, deixou de ser uma instituição terapêutica e de caridade comandada por religiosos e se transformou em um centro de saber médico, máquina de cura e local de morte (Zorzanelli; Cruz, 2018).

O hospital, além de servir de asilo para que os doentes fossem curados ou tivessem suas vidas prolongadas, também tinha um propósito social, ocultando a falta de controle sobre a morte e as fortes emoções que a acompanham. Ambos os elementos, que também começaram

a ser privatizados diante da necessidade de poupar a sociedade e as pessoas de tais sentimentos, pois estar diante da morte do outro é também encarar suas próprias emoções sobre o morrer. Consequentemente, a morte e, por extensão, o luto, gradualmente se transformaram em "tabus" em uma sociedade que evita confrontar doenças, perdas e sentimentos de tristeza (Oliveira et al., 2020).

Neste contexto, o paciente é cada vez mais resguardado da consciência de sua própria morte, permanecendo desinformado sobre seu real estado de saúde. Observa-se uma restrição das manifestações públicas da morte, e o término da vida é silenciado e privatizado; ela não mais ocorre nos quartos das residências, mas em ambientes isolados, como os hospitais, escondendo da sociedade as expressões de dor, agonia e sofrimento características do processo de morrer (Kovács, 2021).

Assim, o fim da vida, que antes era um momento natural, familiar e comunitário, passa a ser vivenciado em um quarto hospitalar esterilizado, branco e solitário. Esse afastamento dos familiares nos momentos finais da vida contribui para a criação de um ambiente desencorajador em relação à participação nesse processo e gera um distanciamento com o tema devido à falta de experiências relacionadas à finitude (Borsatto, 2019).

Outro fator significativo para a mudança na relação com a morte no Ocidente foi o movimento Romântico. Frequentemente, na literatura e nas artes desse período, a morte é retratada de maneira erótica, sendo desejada e esperada. Esse desejo erótico pela morte surge porque ela deixou de ser percebida como um evento natural que afeta todos, mas sim como uma ruptura com a vida monótona e tediosa à qual a sociedade industrializada do Ocidente estava submetida (Pinheiro Braga, 2022).

No entanto, embora esse desejo erótico indique uma maior aceitação da morte, tais manifestações revelam uma resistência maior em aceitar o fim, enfatizando o medo e o horror que ele provoca e a aversão a tais sentimentos. A morte, antes vista como natural e familiar, torna-se uma "morte interdita" (Ariès, 2012/1977, p.85), um fenômeno vergonhoso, objeto de intervenção e proibido de ser mencionado por causar desconforto.

De acordo com Kovács (2021, p. 3), o tema da morte passou a ser considerado tabu desde o século XX, devido a uma falha na comunicação conhecida como "conspiração do silêncio". Isso significa que a morte é negada de forma tão enfática que discuti-la tornou-se um ato proibido na maioria dos contextos familiares, sociais e institucionais.

Essa situação marca o início de uma tendência à medicalização do fim da vida, protegendo o paciente e sua família da dor e do sofrimento do morrer, numa busca pelo controle dos aspectos angustiantes da morte, principalmente por meio do controle das emoções,

transformando assim o final da vida em algo mais palatável para as sensibilidades modernas (Marinho; Arán, 2021).

Dessa forma, a expressão do luto tem sido limitada e percebida socialmente, cada vez mais intensamente, como uma experiência patológica. Essa perspectiva de reprimir sua expressão tem consequências significativas nas possibilidades ou dificuldades enfrentadas pelo enlutado ao lidar com a perda de um ente querido (Michel; Freitas, 2019).

Observa-se, portanto, uma época de baixa tolerância às experiências naturais do luto, com um enfraquecimento dos rituais associados à morte e ao luto, sua individualização e internalização, bem como a redução de suas formas de expressão dentro das comunidades (Freitas, 2018).

3.1 RITUAIS DIANTE DA MORTE

Para Souza e Souza (2019) a palavra "ritual" destaca-se como uma qualidade de um ato que transcende sua realização imediata, adquirindo atributos simbólicos, e marcando assim um acontecimento. De encontro a isso, Gennep (2011) diz que é possível identificar, conforme o ritual em questão, grupos e categorias de forma tangível ou não.

Assim, os rituais podem ser vistos como mecanismos que visam alcançar uma totalidade muitas vezes ausente ou difícil de ser discernida no dia a dia. Os rituais são uma parte intrínseca da vida social em qualquer contexto ou época, sendo encontrados em todas as sociedades para marcar eventos considerados especiais. As diferentes formas de rituais refletem as culturas e histórias das diversas sociedades, e, portanto, são mutáveis e adaptáveis, objetivando trazer ordem ao caos, atribuir significado ao inexplicável e fornecer aos participantes ferramentas para lidar com a desarmonia social (Mergulhão, 2020).

De forma mais específica, os rituais fúnebres, segundo Kellehear (2016), são todos os preparativos materiais, religiosos, financeiros, médicos e familiares que envolvem a morte e o morrer. Estes, desempenham um papel vital na maneira como as sociedades lidam com a morte, oferecendo um espaço para expressão emocional, conforto espiritual, preservação da memória e continuação das tradições culturais pois frequentemente seguem tradições ancestrais e são passados de geração em geração (Koenig; Teixeira, 2022).

As religiões mesopotâmicas e gregas por suas crenças politeístas e na vida após a morte visavam através de seus rituais garantir que o falecido fizesse uma boa passagem a seu post-mortem, o que muitas vezes estava ligado a conservação do corpo no ato funeral e as posteriores cerimônias e homenagens (Brito, 2022).

Um grande exemplo disto são os egípcios na antiguidade, que veneravam Osíris, o deus do mundo dos mortos, acreditando na recompensa após a morte. Sua crença na reencarnação refletia-se na cultura mortuária, com práticas como a mumificação e a construção de túmulos luxuosos onde o morto deveria ser colocado junto com todos os seus bens, pois acreditavam que a alma retornaria ao corpo (Silva *et al.*, 2017).

Beltrão e Feitosa (2022) descrevem que na Roma antiga o procedimento exigia que o corpo fosse higienizado, vestido e exposto para as despedidas. Em seguida, ele era transportado da residência para o local de cremação ou enterro, geralmente localizado fora dos limites da cidade. Este cortejo dependia do estatuto e posses do falecido, no caso das Grandes Famílias Romanas a procissão era liderada por músicos, com imagens, perfumes e insígnias, seguidos por amigos, familiares, clientes e escravos.

As autoras destacam a importância da família, que deveria utilizar neste momento e durante nove dias vestes específicas chamadas Toga Pulla³, e o herdeiro do falecido deveria realizar um discurso funerário e sacrifícios de um carneiro e uma porca antes do corpo ser depositado na sepultura, que seriam consumidos no banquete funerário para que a família fosse purificada. Após os nove dias um novo banquete era realizado pela família, já sem as vestes, no sepulcro, e a memória do morto deveria ser perpetuada por seus familiares em datas religiosas específicas com visitas ao túmulo e entregas de rosas, a fim de apaziguar os falecidos os mantendo longe dos vivos. Apesar disto, se a família não quisesse ser responsável por tais rituais fúnebres, havia agentes funerários profissionais para assumir tais responsabilidades.

Os gregos por sua vez, com grande valorização do status social e da honra, tinham seus sepultamentos em tumbas com diversos objetos e construções simbólicas envolvendo as relações sociais daquele que partiu. A cremação também era uma opção, porém esta era reservada para os mortos em batalha que eram considerados merecedores dessa honra. Eles valorizavam a participação dos vivos para além do ato funeral, com visitas dos familiares aos túmulos, oferendas de alimentos e cerimônias; que tinham por função manter a honra do morto e de sua família, e garantir através do cumprimento desses rituais que o falecido seria aceito em seu novo lugar (Bandeira, 2019).

Nas culturas africanas também há a forte crença que a alma do morto deve ser conduzida ao encontro e aceitação dos espíritos ancestrais em seu novo recinto através dos rituais,

³ Toga Pulla - Peça de vestuário característica dos Cidadãos Romanos, preta e em lã, usada por quem está de luto seguindo a crença de que seu uso impediria que o morto os viesse assombrar. Originalmente era a toga de origem etrusca que os pobres vestiam ou os réus para se apresentarem em tribunal (uso proposital para suscitar um sentimento de piedade). Em Ancient History, Encyclopedia. (Cartwright, 2019).

principalmente do enterro, caso contrário, aquele que se foi não está morto e torna-se um desencontrado de sua morte, o que acarretaria graves consequências a sua alma (Ribeiro, 2010).

Os rituais envolvem particularidades de acordo com os grupos e povos africanos, mas em linhas gerais o ancião da família ou o cônjuge deve fechar os olhos do falecido e o corpo deve ser lavado por pessoas idosas do mesmo sexo, envolto em pano branco e colocado em um caixão de madeira revestido de um pano negro. Enquanto o ritual de preparação do corpo é realizado fora da propriedade, para que se evite a recorrência do infortúnio, um pequeno grupo da família ou comunidade cuida da limpeza e prepara refeições para os presentes na casa (Diamante; Barros, 2019).

As autoras acrescentam que durante o enterro, o chefe da família lidera o processo, seguido por outros membros da família em ordem hierárquica, enquanto objetos pessoais do falecido e perfumes são colocados junto ao corpo. O ritual também inclui o sacrifício de uma vaca, cujo sangue é derramado na terra como parte do procedimento, enquanto é proferida uma oração para que o falecido seja aceito pelos ancestrais. Além disso, o morto deveria ser enterrado na terra natal e sepultado em posição embrionária (Ribeiro, 2010).

Esses cuidados e destino do corpo, os símbolos e práticas realizadas pelos familiares, amigos e comunidade tem seu alicerce nos sentidos, valores e crenças compartilhados por cada grupo, cultura e sociedade. Sendo possível, através da análise minuciosa desses rituais ter acesso a um conjunto de dados sobre a relação entre vivos e mortos, identidade cultural e vínculos sociais em comunidades, contextos sociais e épocas distintas (Menezes; Gomes, 2012).

4 COMUNIDADES CATÓLICAS BRASILEIRAS

É uma realidade que a religião reside no limiar entre o tangível e o intangível. Ao mesmo tempo, é inegável que as manifestações intangíveis da cultura muitas vezes só podem ser compreendidas através da mediação de elementos materiais, como símbolos e simbologias, que incessantemente tentam acessar o imaterial. Referimo-nos a costumes e tradições, rituais e narrativas, porém, na maioria das vezes, elas se manifestam materialmente por meio de experiências tangíveis: imagens, alimentos, bebidas e outros (Martins Filho, 2020).

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, houve uma sobreposição de tradições culturais. Os colonizadores introduziram práticas cristãs católicas, que passaram a coexistir e, em certa medida, se fundiram com as culturas religiosas indígenas e africanas. Essa dinâmica levou ao surgimento de práticas sincréticas e diversas, nas quais elementos das crenças pré-

cristãos se misturaram com os princípios da fé cristã, que até hoje perpassa a sociedade brasileira através da memória coletiva, transmitida pela oralidade (Pereira; Silva, 2022).

Esse movimento é chamado de catolicismo popular, que leva em consideração a variedade cultural brasileira, os festejos regionais e uma concepção popular do sagrado, resultando em uma identidade cultural e religiosa particular a cada comunidade (Martins Filho, 2020).

Este catolicismo tem como marca fundamental da vivência da fé a vida comunitária, que engloba oração, fraternidade, serviço aos pobres e a missão de evangelização. Ela promove relações de proximidade e solidariedade, fortalece o sentido de pertencimento e corresponsabilidade, e permite o desenvolvimento de dons e ministérios. Na comunidade, todos são valorizados como membros essenciais, cada um contribuindo com seus talentos (Aquino Júnior, 2023).

Desta forma, pode-se definir, segundo Anjos (2008), uma comunidade católica como um grupo de pessoas que compartilham a fé católica e estão unidas pela proximidade física, interconhecimento e pela partilha de problemas ou questões comuns relacionadas ao seu local de residência ou de prática religiosa. Essa comunidade pode se formar em torno de uma paróquia, igreja ou grupo de fiéis que se reúnem regularmente para participar de atividades religiosas, serviços de adoração e compartilhar experiências de vida em comunhão com sua fé e tradições católicas.

A autora acrescenta que essa proximidade física e o interconhecimento fortalecem os laços dentro da comunidade, permitindo que os membros se apoiem mutuamente, pratiquem sua fé em conjunto e trabalhem para enfrentar desafios comuns que possam surgir em seu contexto local.

Ribeiro e Serra (2021) defendem que a forma como as pessoas se inserem e se sentem pertencentes em dimensões individuais e coletivas varia em grau de acordo com um sistema de valores daquela comunidade, podendo dar origem, dentro de uma mesma cultura e religião, a várias formas de ser próprias a cada indivíduo ou grupo.

4.1 RITUAIS FUNERÁRIOS CATÓLICOS

Para Souza e Souza (2019), os rituais funerários atendem a diversas necessidades espirituais, como a busca por transcendência, um sentido mais profundo para a existência, continuidade e revisão da própria vida, integração, perdão e expressão de sentimentos religiosos. Os autores ressaltam também a importância da realização dos rituais em

comunidade, que podem proporcionar um sentimento de pertença a uma cultura e grupo, bem como o apoio de ter uma compreensão compartilhada sobre a morte com outros.

No que se refere aos rituais católicos no Brasil, Câmara e Bassini (2023) destacam que a morte é marcada por três momentos: a Unção dos Enfermos, as Exéquias e a Missa de Sétimo Dia. A Unção dos Enfermos é um ritual realizado no leito de morte, conforme a Bíblia, e é solicitado pelo indivíduo em perigo de morte eminente ou por seus familiares na igreja. Esse ritual é composto por três etapas, adaptáveis às condições físicas do necessitado, com ênfase na segunda etapa. Inicia-se com a penitência, onde um padre ouve e perdoa os pecados do enfermo, momento comum para reconciliação pessoal, com Deus e com a comunidade (Cavalcante, 2022; Santos, 2021).

Segue-se a unção, onde o sacerdote impõe as mãos sobre o enfermo e unge-o com óleo abençoado, geralmente na testa e nas mãos, enquanto realiza orações específicas, com a participação dos familiares e possíveis leituras bíblicas. Por fim, é oferecido ao moribundo o viático, o alimento da eucaristia (o Corpo de Cristo, na forma de pão consagrado), considerado um auxílio espiritual para fortalecer a pessoa durante sua passagem deste mundo para a próxima vida e uma comunhão com Deus antes da morte física, libertando sua alma do corpo enfermo (Santos, 2021).

Após esse ritual, no momento da morte, caso o falecido esteja em casa, uma vela pode ser colocada em suas mãos para assegurar que ele "não morra na escuridão", conforme os preceitos religiosos (Cavalcante, 2022).

As Exéquias, segundo Câmara e Bassani (2023), ocorrem ao constatar a morte e podem ser realizadas por ministros da igreja, fiéis ou grupos pastorais que oferecem assistência aos familiares e amigos do falecido, trabalhando os elementos da fé cristã e proporcionando conforto em momentos de necessidade. É um espaço para a expressão da dor e sofrimento dos enlutados, podendo ser realizado desde o anúncio da morte, durante o velório e até a missa de sétimo dia.

O terceiro momento, a missa de sétimo dia, surgiu como alternativa para casos em que não era possível realizar a missa de corpo presente durante o velório, tornando-se uma prática comum na Igreja Católica. Oferece espaço para aqueles que não puderam expressar seu pesar com a perda ou desejam manifestar solidariedade aos familiares e honrar o falecido durante uma celebração realizada por um sacerdote em uma igreja ou paróquia. Esse ritual pode se estender a outras celebrações, como a missa de trigésimo dia e missas mensais na data da morte durante o primeiro ano. Embora a missa de sétimo dia não esteja inscrita no documento litúrgico oficial da Igreja Católica, há uma adesão significativa a esse ritual por parte dos enlutados, mais

do que à missa de corpo presente, a Unção dos Enfermos e as Exéquias, que estão devidamente referenciados (Câmara; Bassani, 2023).

Mendonça (2016) descreve os rituais católicos como iniciados pelo conhecimento da morte pelos parentes e amigos, caracterizando-se também por três momentos: velório, cortejo e sepultamento. Os velórios são geralmente realizados nas salas das casas, com reorganização do espaço para acomodar o caixão e os convidados. Velas acesas simbolizam a luz para guiar a alma do falecido até o céu (Cavalcante, 2022).

Orações, missa de corpo presente, discursos e compartilhamento de memórias são comuns, e a duração do velório pode ser de um a dois dias, com familiares, amigos e visitantes compartilhando refeições e permanecendo no local. Essa fase ritualística ambígua reflete a permanência do falecido entre o grupo social dos vivos, mantendo a memória e atribuindo ordem e sentido à morte, uma característica marcante dessa fase (Mendonça, 2016).

Mendonça (2016, p.63) destaca a importância dos ritos:

Uma das atribuições da fase de margem é justamente preparar o morto para ir ao encontro dos familiares que partiram. Daí a importância dos ritos de encomenda de alma, de lamentar o morto, das orações, entre outros elementos constitutivos do ritual, pois, somente a partir destes ritos ditos “piedosos”, o defunto pode passar a integrar definitivamente o mundo dos mortos (Mendonça, 2016, p.63).

Após o velório, segue-se o cortejo, uma breve despedida e o transporte do corpo ao local de sepultamento, que pode ser realizado por parentes carregando o caixão ou por um veículo, acompanhado por familiares, amigos e a comunidade entre cânticos e orações. Por fim, ocorre o ritual de sepultamento, geralmente em cemitérios, mas algumas comunidades, especialmente as mais tradicionais, podem ter práticas específicas, como a cremação e o armazenamento ou dispersão das cinzas (Mendonça, 2016).

O sepultamento em cemitérios é uma importante tradição cristã, pois o solo é considerado sagrado e consagrado nas práticas litúrgicas, seguindo o ensinamento do retorno à terra da qual o homem foi criado, simbolizando assim um acolhimento à morte (Brito, 2022).

Quanto à simbologia cristã, Mergulhão (2020) explica que ela é facilmente reconhecível nos cemitérios, onde cruzes, capelas, imagens de santos, anjos e representações da dor estão presentes nos túmulos. Esses símbolos refletem a religiosidade e a compreensão da finitude, servindo como expressão das crenças culturais e religiosas do grupo. A fé na vida após a morte é refletida na conexão entre o mundo terreno e o divino, simbolizada pelo túmulo. Assim, a manutenção e construção cuidadosa dos túmulos demonstram a negação da morte como um fim

absoluto, e o cemitério é visto como um espaço sagrado que expressa essa conexão com a finitude.

Por fim, o autor menciona um ritual final, mas que se repete anualmente: a celebração de uma missa para o falecido no Dia dos Finados e no Dia de Todos os Santos, juntamente com a visitação ao túmulo por familiares e amigos, que levam flores e velas e rezam pela alma do falecido, demonstrando uma contínua presença do luto.

Van Gennep (2011), de maneira similar ao proposto por Mendonça (2016), indica que o ritual funerário é composto por três fases: separação, liminaridade e agregação. No momento inicial, ao receber a notícia da morte, cada pessoa, individual e coletivamente, inicia a separação, fase em que se começa a organizar internamente com a ideia da ausência do outro.

Subsequentemente, temos o período de liminaridade, caracterizado pelo velório, que geralmente ocorre na casa do falecido ou em capelas de igrejas, com o corpo em destaque em um caixão coberto de flores, comumente vestido em roupas brancas e coberto por um véu. O sepultamento caracteriza um rito de agregação e separação simbólica, fase posterior e final ao período de liminaridade, pelo qual o corpo passa a integrar o mundo dos mortos, dotado de uma significação particular e coletiva que traz consigo uma importância e uma nova forma dos enlutados olharem para a própria vida (Gennep, 2011).

É importante salientar que, embora existam diretrizes e documentos litúrgicos estabelecidos na fé católica, a aplicação dessas orientações pode variar dependendo da relação e da devoção específica de cada comunidade com a religião. Além disso, fatores como recursos físicos, financeiros e emocionais dos enlutados também influenciam a maneira como essas orientações são seguidas, principalmente em relação aos rituais realizados em um período mais extenso após a morte (Câmara; Bassani, 2023).

Diante disso, ressalta-se a importância dos rituais na inscrição simbólica da morte e no processo de luto. Howarth (2007, p. 235 apud Menezes; Gomes, 2012, p.99) sugere que os funerais têm três propósitos: "[...] dar destino ao corpo morto; interceder pelo destino da alma; e reintegrar os enlutados na vida social." Assim, a ausência desses rituais prejudica a separação dos mundos e alteridades entre vivos e mortos, existindo a possibilidade de o enlutado não conseguir assimilar a perda devido à falta do senso de encerramento simbólico, dificultando o processamento de sentimentos e emoções e a busca por um fechamento emocional (Silva; Barbosa; Benincá, 2022).

5 AS TRANSFORMAÇÕES DOS RITUAIS FÚNEBRES DURANTE A PANDEMIA

Durante a pandemia global de Covid-19, as medidas de **lockdown** tornaram-se uma resposta inevitável para conter a disseminação do vírus. Contudo, além das restrições sociais e econômicas, essas medidas afetaram profundamente até mesmo os rituais mais íntimos e significativos, como os funerais, exigindo adaptações ou até a extinção de alguns rituais para evitar o contato físico entre parentes, amigos e com o corpo (Silva, 2020).

As alterações iniciaram-se antes mesmo do falecimento. Em 25 de março, o Ministério da Saúde divulgou o manual "Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus Covid-19", que determinava o isolamento obrigatório dos pacientes nos hospitais. Assim, os hospitalizados só mantinham contato com os familiares por meio de ligações ou videochamadas. Isso transformou a realização dos rituais de despedida dos pacientes com risco iminente de morte, que, quando possível, era feita por meio de novas tecnologias com o apoio da equipe médica (Silva, 2020; Crepaldi et al., 2020). O processo de morrer tornou-se solitário e limitado ao leito hospitalar, dificultando a expressão da fé religiosa (Câmara e Bassini, 2022).

Nos estudos de Câmara e Bassini (2022) sobre as mudanças nos rituais católicos, destacam-se alguns pontos: a Unção dos Enfermos frequentemente ocorria por meio de reuniões remotas na residência dos familiares, pois o sacerdote não podia entrar nos espaços hospitalares nem ter contato direto com o doente. Assim, a unção com óleo e a oferta do viático tornaram-se inviáveis, restando apenas a penitência, bênção e orações. Para os enlutados, esse ritual gerava sentimentos ambíguos, podendo representar a entrega do paciente a Deus, conforto e esperança para o enfermo, a aceitação da partida do ente querido e o fornecimento de força, mais tempo de vida e descanso para o hospitalizado.

Nas Exéquias, mesmo com as restrições de distanciamento social nos velórios, a comunidade e os padres ainda se faziam presentes, o que proporcionava conforto aos enlutados, que relatavam que tal ritual conferia respeito e dignidade ao falecido pela presença e palavras do sacerdote. Na missa de sétimo dia, também realizada com uso de máscara e distanciamento social, destaca-se o apoio da comunidade e dos conselheiros eclesiais, que, segundo os enlutados, participavam das cerimônias de trigésimo dia e mensalmente até completar o primeiro ano de falecimento (Silva, 2020).

Os funerais, antes realizados em capelas ou nas residências dos familiares, foram abreviados devido ao risco de contaminação. Assim, o corpo, o caixão aberto e a missa de corpo presente deixaram de integrar esses momentos, assim como a aglomeração de parentes, amigos e comunidade, anteriormente marcada por afeto, discursos e compartilhamento de memórias do falecido. As homenagens tornaram-se mais privadas, marcadas pela solidariedade entre os enlutados, mas com pouco ou nenhum contato físico entre eles. O cortejo tornou-se um dos

raros momentos de contato dos enlutados com o falecido, que podiam ver o caixão através dos vidros do carro funerário.

No entanto, o cortejo que ocorria dentro do cemitério com os enlutados caminhando ao lado do caixão também foi suprimido. No sepultamento, com as restrições quanto ao número de pessoas presentes, frequentemente parentes de diversos falecidos reuniam-se sob tendas coletivas nos cemitérios e acompanhavam de longe os caixões sendo baixados às sepulturas (Giamattey et al., 2022; Silva; Rodrigues; Menezes, 2021).

Silva (2020) descreve as mudanças no cortejo e sepultamento como uma significativa desestruturação ritualística, pois muitas cidades adotaram covas coletivas devido ao elevado número de mortes, o que resultou na perda do caráter individual desses rituais e de sua função de indicar o pertencimento coletivo em vida do indivíduo e de entregá-lo ao seu novo lugar e condição. Isso causou grande revolta entre as famílias, que sentiram que seus entes queridos foram profanados e desrespeitados, impedindo também as homenagens e a perpetuação da memória do falecido nas lápides individuais, que se tornaram um conjunto de cruzeiros numeradas e coroas de flores.

6 O LUTO NA AUSÊNCIA DOS RITUAIS FÚNEBRES

O luto é um processo psicológico natural, intrínseco à perda, e pode ser caracterizado por um estado emocional doloroso no qual a pessoa enfrenta uma série de emoções intensas, como tristeza, angústia, raiva e confusão, em resposta à perda de algo significativo, como a morte de uma pessoa querida, o término de um relacionamento ou um aspecto importante da vida. Assim, no luto saudável, a pessoa é capaz de reconhecer e se despedir do objeto perdido, permitindo um ajuste gradual à ausência, pois, ao lidar com a perda, eventualmente retomará seus investimentos emocionais em outras áreas da vida (Freud, 1974).

Kovács (1992) aponta que a ocorrência abrupta de uma morte, combinada com a falta de preparação e a dificuldade em expressar sentimentos, pode impactar significativamente o processo de elaboração do luto.

Considerando esse processo, Franco (2021) e Mergulhão (2020) indicam que o primeiro impacto na elaboração do luto, trazido pela pandemia, decorre das perdas repentinas devido ao alto número de mortes e do curto tempo entre a hospitalização e o fim da vida daqueles que contraíram o vírus, bem como a impossibilidade de estar junto ao infectado nos seus momentos finais e realizar os processos de despedida, como a unção dos enfermos, por exemplo.

Esse ritual é de extrema importância, pois configura a entrega do doente a Deus, o que, para os cristãos, representa a salvação de sua alma e o descanso eterno no céu. A quebra deste preceito religioso pode suscitar ideias de impureza da morte, de que o falecido fica errante pela terra, sem salvação, podendo gerar um sentimento de culpa no enlutado por não cumprir o ritual, o que contribui para a complicação do seu processo de luto (Cavalcante, 2022; Câmara e Bassani, 2023).

Penariol (2022) define o luto complicado como uma desorganização persistente que impede a pessoa de retomar suas atividades com eficácia, resultando em prejuízos nas áreas física, cognitiva, emocional e comportamental. Isso ocorre quando a pessoa carece de recursos para lidar com a situação. Essa falta de recursos se manifesta na impossibilidade de demonstrar afeto às pessoas doentes e na sensação de não poder honrar os mortos. Isso pode levar o indivíduo a sentir-se paralisado diante da perda, sem encontrar um caminho para a restauração emocional (Franco, 2021). Para Mergulhão (2020), esse tipo de luto é mais intenso e prolongado e ocorre quando a pessoa não consegue lidar com a perda ou se despedir de maneira que lhe permita compreender e aceitar a realidade da situação.

Durante a pandemia de Covid-19, várias situações estressantes, além da morte, contribuíram para o surgimento do luto complicado. Isso inclui o aumento das mortes relatadas diariamente, a instabilidade financeira devido a crises adicionais, o distanciamento social, mudanças na rotina, a falta de preparação para a morte devido à rápida progressão da doença, a impossibilidade de visitar os doentes ou estar presente nos momentos finais, as restrições nos rituais funerários, a diminuição da rede de apoio e a ocorrência de múltiplas mortes em uma mesma família (Cardoso et al., 2021).

Ressalta-se ainda, segundo Mergulhão (2020), que a adição do uso de equipamentos de proteção individual, a restrição do número de pessoas no local, o caixão lacrado, o distanciamento social e a falta de contato físico, principalmente em cerimônias como velórios, cortejos e missas, estabelece uma perda da essência dos rituais fúnebres, que não eram mais executados de forma completa, resultando em uma despedida inadequada.

Para o cristianismo católico, a honra ao morto se dá por meio da realização dos rituais fúnebres e, portanto, são centrais como prática religiosa e forma de elaboração do luto para organizar a situação de morte e dar sentido à vida dos sobreviventes (Câmara; Bassani, 2023). Assim, além do luto sem a presença do corpo, que colabora na identificação daquele que partiu como morto, surge também uma sensação de vazio e angústia pela falta de conhecimento do local exato do enterro e pela ausência de um lugar específico para prestar homenagens, visitar em datas especiais e rezar pelos entes queridos falecidos, rituais esses de grande importância

para a elaboração simbólica, a criação de uma memória de morte em vez de vida e o cumprimento de elementos da fé cristã (Mergulhão, 2020; Câmara e Bassani, 2023).

Um enterro de pessoas em uma vala comum, pois, viola o direito ao luto e às liturgias religiosas também porque a perda da individualidade e da referência espacial - para o rito e para a deposição do corpo da pessoa falecida - perverte a relação cerimoniosa que desenvolvemos com a morte. Valas comuns são marcas materiais que expressam o oposto do rito: a pressa, a abjeção, a violência e o esquecimento (Calazans, 2021, p.26).

Conforme estudos realizados por Mas'mah et al. (2023, p. 311), a restrição dos rituais fúnebres católicos fez com que os participantes do estudo sentissem que o enterro de seus familiares foi "incompleto", ocasionando um profundo impacto emocional. Outros entrevistados relataram que a ausência de rituais e processos de despedida afetou negativamente as famílias enlutadas, deixando-as com a sensação de não terem conseguido proporcionar uma despedida adequada para seus entes queridos, resultando em sentimentos de falha e ingratidão em relação aos falecidos.

Diante desses fatores, Penariol (2022) indica que há uma maior probabilidade de os enlutados durante a pandemia desenvolverem o luto complicado, pois o contexto atual aproxima a experiência de luto ao luto traumático.

7 O ACONSELHAMENTO DO LUTO EM MEIO À PANDEMIA

A prática dos psicólogos durante a pandemia divide-se em duas vertentes: a primeira trabalha o luto antecipatório, favorecendo uma preparação emocional para a perda diante da perspectiva de morte (Schmidt et al., 2011), e a segunda corresponde às intervenções especializadas.

No que se refere ao luto antecipatório, ressalta-se a importância de intervenções psicoeducativas, como a produção de cartilhas e outros materiais (Weide et al., 2020), orientação sobre estratégias de enfrentamento ao luto, acompanhamento remoto e presencial do enfermo e familiares antes e após a constatação da morte, encaminhamentos pós-funeral, oferecendo acolhimento e escuta empática (Crepaldi, 2020; Lopes et al., 2021).

Essas práticas visam diminuir a probabilidade do desenvolvimento de um luto complicado, diante dos fatores de risco já discutidos. Contudo, em casos em que se observa na avaliação do luto pós-funeral essa possibilidade, o enlutado é encaminhado para atendimento especializado (Lopes et al., 2021).

Lopes e colaboradores (2021) enfatizam a importância de fortalecer, ao longo do processo de morrer e no pós-morte, as redes religiosas e/ou espirituais preexistentes do falecido e dos enlutados. O contato com esta rede de apoio, com a religião em si e a perpetuação da memória do falecido são fatores de proteção contra o luto complicado, oferecendo também alternativas para a realização de rituais dentro das possibilidades e conformidades sanitárias.

A prática religiosa proporciona um caráter integrativo por meio de rituais como os funerais e exéquias, essenciais para a aceitação da morte (Souza, 2022; Câmara e Bassani, 2023). Vale (2021) destaca que o psicoterapeuta pode utilizar o coping religioso para preparar o paciente para o enfrentamento do luto com o apoio de suas crenças, intervindo para provocar modificações comportamentais, ajudando-o a exteriorizar seus sentimentos e encontrar amparo.

A segunda vertente de ação refere-se às intervenções especializadas, nas quais, por meio do aconselhamento em luto e atendimento psicológico online e presencial, os profissionais utilizam ferramentas para aliviar sintomas estressores e emoções negativas relacionadas à vivência da pandemia e ao luto, identificando e intervindo em casos de luto complicado (Lopes et al., 2021).

Neste contexto, Worden (2013) propõe tarefas do luto, que são áreas-chave nas quais os enlutados trabalham para lidar com a perda e se adaptar a uma nova realidade após a morte de um ente querido, cruciais para que o indivíduo consiga confrontar e reestruturar seu pensamento durante esse processo.

A primeira tarefa é aceitar a realidade da perda, enfrentando e internalizando a realidade da morte. É necessário compreender, de forma intelectual e emocional, que a pessoa querida se foi e não retornará. Algumas pessoas podem ficar estagnadas nesta fase, evitando a exposição a objetos, experiências e lugares que as confrontem com a realidade da perda, utilizando um esquecimento seletivo. Os rituais funerários direcionam o enlutado à materialização e aceitação da realidade da morte (Worden, 2013).

Bromberg (2000, p. 112 apud Penariol, 2022) aponta que a realização dos rituais pode ser um recurso terapêutico, facilitando a elaboração do luto e diminuindo os sentimentos relacionados à perda. Eles oferecem uma oportunidade de lidar com a culpa e o sofrimento inerentes ao luto, ao revisitar a memória do falecido junto a familiares e amigos.

Processar a dor do luto é a segunda tarefa proposta por Worden (2013), na qual os enlutados exploram e expressam suas emoções relacionadas à perda. Isso inclui tristeza, raiva, culpa e outros sentimentos associados à ausência do ente querido. Permitir-se sentir e expressar essas emoções é crucial para uma adaptação saudável ao luto. A esse respeito, Kubler-Ross (1985) menciona o sentimento de desespero, choque e pesar como comuns, principalmente

diante da notícia inicial do falecimento, mas que, após o funeral e nos dias subsequentes, é essencial a expressão e compartilhamento de sentimentos, seja por meio de choro, gritos e/ou falas, pois esses momentos de exteriorização conduzem à conclusão desta tarefa.

Além da psicoterapia, o encaminhamento para grupos de apoio online mostrou-se benéfico nesta tarefa, pois a comunicação com desconhecidos que compartilham experiências de luto semelhantes pode servir como um fator protetor, restaurando um senso de amparo e familiaridade. Oferece ainda outras possibilidades de expressão do luto, como a criação de memoriais online que permitem a manifestação de condolências aos enlutados e incentivam a rede socioafetiva a expressar seus sentimentos por meio de telefonemas, cartas, mensagens de texto e áudio (Barros; Borges, 2018; Fiocruz, 2020).

Aprender a viver em um mundo onde o ente querido não está mais presente é um aspecto fundamental neste processo de luto. Assim, Worden (2013) propõe, na terceira tarefa, ajustar-se a um mundo sem a pessoa falecida e reorganizar a vida diária para acomodar a ausência do ente querido. Esses ajustes são realizados de três maneiras: externamente, incluindo mudanças significativas na rotina, relacionamentos e assumindo papéis e responsabilidades familiares que eram desempenhados pelo falecido; internamente, considerando o senso de identidade do enlutado com e sem o ente querido falecido; e espiritualmente, levando em conta crenças e valores.

O contexto da pandemia, mais adaptações são necessárias, considerando as medidas sanitárias, e novos desafios emocionais podem surgir. Uma das estratégias é trabalhar junto ao paciente um plano para a promoção do bem-estar psicológico, incluindo a organização da rotina de atividades diárias em condições seguras, cuidado com o sono, prática de atividades físicas e técnicas de relaxamento, além do fortalecimento das conexões com a rede de apoio social, mesmo que os contatos não ocorram presencialmente (Banerjee, 2020).

Por fim, Worden (2013) define como quarta tarefa encontrar uma conexão duradoura com a pessoa falecida enquanto se inicia uma nova vida. Não se trata de esquecer o ente querido, mas de encontrar maneiras saudáveis de manter um vínculo emocional com ele. Isso pode ser alcançado por meio de memórias, homenageando a pessoa falecida, preservando tradições ou encontrando um novo significado após a perda. O oposto disso seria não viver e continuar preso nas memórias e vínculos passados, como se a vida do enlutado permanecesse estagnada no momento em que o ente querido faleceu e a energia anteriormente investida naquela relação não fosse reinvestida em outras áreas.

O autor ressalta que, embora haja uma sugestão de sequência pelas definições de cada tarefa, estas não precisam ser cumpridas de maneira rígida ou sequencial. As pessoas em luto

podem alternar entre as tarefas, revivê-las quantas vezes forem necessárias e podem não vivenciar todas na mesma medida.

Além disso, o processo de luto é altamente individual e pode variar de pessoa para pessoa, dependendo de vários fatores, como a natureza do relacionamento com o falecido, o tipo de morte, a cultura e o apoio disponível. Independentemente da abordagem e base teórica utilizada pelo profissional para caracterizar e intervir no processo de luto, o olhar para o enlutado deve ser singular, a fim de emancipar o sujeito para a vida após a morte (Worden, 2013; Oliveira et al., 2020).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais alterações nos rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, especialmente em comunidades católicas, decorreram da necessidade de adaptações para minimizar o risco de contágio. Dentre essas mudanças, ressaltam-se o uso de equipamentos de proteção individual e o distanciamento social, o que resultou na modificação da Unção dos Enfermos, realizada sem a unção com óleo e o oferecimento do viático, limitando-se à penitência por meio de videochamadas.

Nas Exéquias e nas missas de sétimo dia, a diminuição no número de participantes impossibilitou a presença física dos padres e da comunidade, conduzindo à realização de cerimônias virtuais. Apesar da falta de contato físico, crucial nesses rituais, observou-se significativa adesão por parte dos conselheiros e da comunidade eclesial.

Os funerais ocorreram sem a presença do corpo e sem a tradicional missa de corpo presente, devido ao elevado risco de contágio. A ausência de aglomeração de familiares e amigos, a impossibilidade de expressar emoções e compartilhar lembranças do falecido resultaram em tributos mais íntimos, efetuados por meio de redes sociais e memoriais virtuais, ou em pequenas cerimônias familiares com mínimo ou nenhum contato físico.

Durante os cortejos, as famílias não puderam acompanhar o caixão nas ruas ou no cemitério, limitando-se a observá-lo brevemente através dos vidros do carro funerário. No sepultamento, com a utilização de covas coletivas, os familiares assistiram de longe ao enterro dos caixões, muitas vezes sob tendas coletivas.

A combinação de mortes inesperadas, elevado número de óbitos, impossibilidade de realizar despedidas e rituais fúnebres, e a supressão da expressão de sentimentos, somada aos estressores provocados pelo isolamento social e restrições sanitárias, caracterizam uma despedida inadequada. A falta dos rituais católicos para seus fiéis suscitou a percepção de

impureza da morte, ausência de honra, falha e ingratidão ao falecido, provocando nos enlutados sentimentos de culpa, vazio e angústia pela violação do preceito religioso. Essa despedida insatisfatória e a ausência de elaboração simbólica por meio dos rituais contribuíram para o surgimento do luto complicado durante a pandemia.

Quanto às intervenções psicológicas, a prática do psicólogo visa mitigar a probabilidade de desenvolvimento do luto complicado, trabalhando o luto antecipado e fornecendo apoio emocional, orientação e estratégias adaptativas para o manejo do luto. As intervenções especializadas em aconselhamento ao luto abrangeram atendimentos psicológicos online e presenciais, grupos de apoio, memoriais online, tarefas do luto, planos para a promoção do bem-estar psicológico e o coping religioso, que se revelou um fator de proteção ao auxiliar os pacientes a encontrarem consolo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM III. 3. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1987.

_____. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision.* Washington, DC: American Psychiatric Association, 2022. ISBN 9780890425770.

ANJOS, G. dos. **Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições.** Cadernos Pagu, n. 31, p. 509-534, jul. 2008.

AQUINO JÚNIOR, F. Catolicismo popular e libertação. **Revista de Cultura Teológica**, v. 32, n. 105, p. 165-185, 2023.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente.** Ed. esp. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. Trabalho original publicado em 1977.

BANDEIRA, L. T. **Ritos e festividades religiosas na Grécia Antiga.** 2019.

BANERJEE, D. *The COVID-19 outbreak: crucial role the psychiatrists can play.* Asian Journal of Psychiatry, v. 50, 102014, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102014>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BARROS, A. F. O.; BORGES, L. M. **Reconstrução em movimento: impactos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38, n. 1, p. 157-171, 2018. doi: 10.1590/1982-3703003122016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BELTRÃO, C.; FEITOSA, P. M. A naenia no funeral: revisitando o famoso relevo de Amitemnum. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 7, n. 14, p. 420-437, 2022. DOI: 10.9789/2525-3050.2022.v7i14.420-437. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/revistam/article/view/10789>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BORSATTO, A. Z. *et al.* A medicalização da morte e os cuidados paliativos. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 27, e41021, 2019. DOI: 10.12957/reuerj.2019.41021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/41021>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional. 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>>. Acesso em: 16 set. 2023.

BRITO, A. M. **Aspectos religiosos, éticos e ecológicos da morte em várias culturas.** 2022.

CALAZANS, M. O. **A vala comum de Tarumã e as marcas da exceção no Brasil.** In: TELES, E. (Org.). A pandemia e a gestão da morte e dos mortos. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo: Centro de Antropologia e Arquivologia Forense (CAAF), 2021. p. 23-31.

CÂMARA, S. L.; BASSANI, M. A. A importância dos rituais diante da morte. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 33, p. 141-153, 2023.

CARDOSO, E. A. O. *et al.* **Luto complicado na pandemia: fatores complicadores e protetores.** In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar. Ribeirão Preto: Ed. dos Autores, 2021. p. 83-100.

CARTWRIGHT, M. **Ancient History Encyclopedia.** 2019. Disponível em: <<https://www.ancient.eu/article/48/the-roman-toga/>>. Acesso em: 8 mar. 2024.

CAVALCANTE, A. **Entre o medo e o sufrágio: a prática de rituais fúnebres como prevenção à assombração.** Horizontes Históricos, v. 5, n. 2, p. 75-85, 2022.

CREPALDI, M. A. *et al.* **Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 37, e200090, 2020.

DIAMANTE, L. M.; BARROS, L. **Rituais de Morte Africana.** Caleidoscópio, v. 11, n. 1, p. 27-30, 2019.

FORESTI, T.; HODECKER, M.; BOUSFIELD, A. B. S. **A concepção de morte na história e a COVID-19: uma retrospectiva teórica.** Psicologia Argumento, v. 39, n. 105, p. 390-407, 2021. DOI: 10.7213/psicolargum39.105.AO02. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27197>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

FRANCO, M. H. P. **O Luto no Século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno.** São Paulo: Summus, 2021.

FREITAS, J. de L. **Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica.** Psicologia USP, v. 29, n. 1, p. 50-57, jan. 2018.

FREUD, S. **Obras Completas: Luto e Melancolia**. Vol. XIV. São Paulo: Imago, 1974. 1. ed. Standard Brasileira.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>>. Acesso em: 25 de mai. 2024

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIAMATTEY, M. E. P. *et al.* **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações**. Escola Anna Nery, v. 26, n. spe, e20210208, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KELLEHEAR, A. **Uma história social do morrer**. São Paulo: UNESP, 2016.

KOENIG, A. M.; TEIXEIRA, L. de A. S. **Reflexões sobre a morte e o morrer**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, e3157, 2022.

KOVACS, M. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Novo Hamburgo: Editora Sinopsys, 2021.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1985.

LEAKEY, R. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LIMA, C. K. T. *et al.* **The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease)**. Psychiatry Research, v. 287, n. 1, p. 1-2, 2020. doi: 10.1016/j.psychres.2020.112915.

LOPES, F. G. *et al.* **A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19**. Psicologia USP, v. 32, e210112, 2021.

MARINHO, S.; ARÁN, M. *Care practices and normalization of conducts: some considerations on the socio-medical management of “good death” in palliative care*. Interface - Comunic., Saude, Educ., v. 15, n. 36, p. 7-19, jan./mar. 2021.

MARTINS FILHO, J. R. F. **Um caminho nas Ciências da Religião: novas possibilidades para o catolicismo brasileiro**. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, v. 18, p. 87-108, 2020.

MAS'AMAH *et al.* **Death, Funeral Rituals, and Stigma: Perspectives from Mortuary Workers and Bereaved Families**. Pastoral Psychology, 19 jan. 2023.

MENDONÇA, F. S. S. **A partida: um estudo sobre os ritos fúnebres entre católicos**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016.

MENEZES, R. A.; GOMES, E. C. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 89-131, 2012.

MERGULHÃO, B. R. V. **O silêncio que fala: os ritos fúnebres como performance e o cemitério como lugar de memória**. 2020. Dissertação de Mestrado.

MICHEL, L. H. F.; FREITAS, J. DE L. **A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian**. *Psicologia USP*, v. 30, e180185, 2019.

OLIVEIRA, A. R. B. *et al.* **Reflexões sobre a morte, o luto e as intervenções possíveis**. *Conversas em Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v1n1.reflexoes>>. Acesso em: 25 de mai. 2024.

PENARIOL, M. P. **Da familiaridade medieval ao desmentido na pandemia de Covid-19: panorama das atitudes frente à morte e ao morrer no ocidente**. 2022.

PEREIRA, J. P. A. **O processo de autoperda dos pacientes em estado terminal no contexto hospitalar: o fazer do psicólogo frente à vivência da terminalidade e a importância dos cuidados paliativos**. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE*, v. 6, n. 1, p. 261, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/7655>>. Acesso em: 20 mar. 2024. Acesso em: 25 de mai. 2024

PEREIRA, M. S.; SILVA, R. J. C. **Catolicismo popular**. *Verbo de Minas*, v. 23, n. 42, p. 139-143, 2022.

PEREIRA, S. A. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PINHEIRO BRAGA, A. R. **A complexidade da morte e as atitudes humanas diante do morrer**. *Revista do Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, v. 14, n. 3, 2022. DOI: 10.26823/rnufen.v14i3.24605. Disponível em: <<https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/24605>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

RIBEIRO, L. C. **A cosmovisão africana da morte: um estudo a partir do saber sagrado em Mia Couto**. 2010.

RODRIGUES, C. Lugares dos mortos na cristandade ocidental. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 15, p. 105-129, 2013.

ROQUE, E. D. *et al.* **A morte e seus trânsitos**. 2020.

SANTOS, R. J. A. O Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral a partir de uma leitura mistagógica. **ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura**, v. 29, n. 1, p. 77-95, 2021.

SCHMIDT, B.; GABARRA, L. M.; GONÇALVES, J. R. **Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência**. *Paidéia*, v. 21, n. 50, p. 423-430, 2011. DOI: 10.1590/S0103-863X2011000300015.

SILVA, A.; RODRIGUES, C.; MENEZES, R. A. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista NUPEM**, v. 13, p. 214-234, 2021. DOI: 10.33871/nupem.2021.13.30.

SILVA, A. V. Os “ritos possíveis” de morte em tempos de coronavírus. Dilemas: **Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 2020. Disponível em: <<https://www.reflexpandemia.org/texto-50>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SILVA, D. A.; BARBOSA, G. D.; BENINCÁ, C. V. **Visualidades fúnebres: o design gráfico e a construção de representações culturais**. 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/357>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, E. D. R. Da *et al.* **A morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35481>>. Acesso em: 19 mar. de 2024.

SILVA, É. Q. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista Bioética**, v. 27, n. 1, p. 38-45, jan. 2019.

SOUZA, C. F. B. Espiritualidade e sentido: acerca dos cuidados paliativos e os rituais ao redor do morrer. **Revista Pistis & Praxis**, v. 14, n. 3, 2022.

SOUZA, C. P. DE; SOUZA, A. M. DE. **Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35412, 2019.

VALE, J. R. C. **Luto, espiritualidade e superação**. Repositório Institucional Unicambyury, v. 1, n. 1, 2021.

WEIDE, J. N. *et al.* **Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia.** Porto Alegre: PUCRS/PUC-Campinas, 2020.

WORDEN. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental.** 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

ZORZANELLI, R. T.; CRUZ, M. G. A. **O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22

ZORZANELLI, R. T.; CRUZ, M. G. A. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 66, p. 721–731, jul. 2018.